



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

10920 - Resumo Expandido - Trabalho - XIV ANPED SUL (2022)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 21 - Trabalho e Educação

O FENÔMENO DO MAL-ESTAR DOCENTE E AS CONDIÇÕES DO TRABALHO DOCENTE EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO RIO GRANDE DO SUL

Fernanda Silva do Nascimento - PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Bettina Steren dos Santos - PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

**O FENÔMENO DO MAL-ESTAR DOCENTE E AS CONDIÇÕES DO TRABALHO DOCENTE EM UMA ESCOLA DA REDE ESTADUAL DE ENSINO DO RIO GRANDE DO SUL**

O presente estudo é parte de uma pesquisa de mestrado já concluída e tem como objetivo compreender o fenômeno do mal-estar docente em uma escola da Rede Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul e sua relação com as condições do trabalho docente a partir da percepção de professoras e professores.

O conceito de “mal-estar docente” tem sido utilizado para definir os efeitos contínuos e negativos resultantes das condições do trabalho docente, além disso, é considerado uma doença social, pois se desenvolve devido à falta de apoio da sociedade (ESTEVE, 1999). Já o bem-estar docente estaria relacionado à satisfação profissional e autorrealização tendo em vista o emprego de estratégias bem-sucedidas provindas da resiliência do professorado frente às adversidades (JESUS, 1998).

O fenômeno vem sendo tratado como objeto de estudo no Brasil desde os anos de 1980 (ESTEVE, 1994, 1999; CODO, 1999; MOSQUERA & STOBAUS, 2002) período marcado pelos movimentos de redemocratização da educação no país e associado aos questionamentos sobre a natureza da profissão e as dificuldades enfrentadas pelos profissionais das instituições públicas e privadas de ensino. Tanto o fenômeno, quanto as condições do trabalho se relacionam, em alguma medida, com a construção de sua profissionalidade e são compostos pelos aspectos históricos, políticos, econômicos, biopsicossociais que envolvem o “ser e tornar-se” professora ou professor no território brasileiro.

O cenário atual mostra que mesmo após mais de quatro décadas, antigos desafios seguem vinculados à temática, à exemplo da sobrevivência das escolas frente os movimentos de ensino domiciliar e da própria conjuntura do campo da educação em tempos de pandemia de coronavírus (DUARTE; HYPOLITO, 2020).

A pandemia, decretada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em março de 2020, além da velocidade de disseminação do vírus Sars-Cov-2 e os altos índices de mortalidade, legitimou crises e projetos dos quais a população mundial está sujeita (SANTOS, 2020). Vimos que questões antigas foram reforçadas neste período, ampliando as desigualdades e nos fazendo refletir sobre a capacidade de responder, por exemplo, ao exercício da docência no Brasil – sua função, papel e valor – somados às visões do Estado e da sociedade de maneira geral sobre a arquitetura educacional.

Visto que as condições de trabalho estão ligadas aos modos de produção em que se sustentam (DUARTE; HYPOLITO, 2020) e se fundamentam em documentos normativos, esta pesquisa está associada às lacunas mapeadas, paradigmas e debates temáticos emergentes no campo científico nos quais se propõe a produção de conhecimento e transformação social. Afinal, segundo Tardif e Lessard (2009) para analisar o trabalho docente é preciso considerar as cargas de normatividade da docência e conhecer seus: “saberes, técnicas, objetivos, um objeto, resultados, processos...” (p. 37).

Inicialmente, o mal-estar docente foi delineado pelos desdobramentos da área da psicologia (ESTEVE, 1994, 1999; JESUS, 1998) e, gradativamente, tecido por outros campos de pesquisa. No decorrer dos anos, buscamos ampliar e aprofundar nossas investigações sobre o fenômeno empregando associações aos paradigmas teóricos e aspectos políticos entre as atividades sociais da educação e do trabalho, campo de pesquisa que vem se constituindo também desde a década de 70 (MORAES, 2012) e que identificamos relevantes contribuições.

Em 1974, Freudenberg referiu-se à estafa resultante do esgotamento profissional como Síndrome de *Burnout*. Caracterizada pelos sintomas de ordem física, cognitiva e emocional, a síndrome foi reconhecida como um transtorno resultante do estresse crônico vivido no trabalho e não gerenciado com sucesso pela OMS no ano de 2019. No entanto, a Organização Internacional do Trabalho (OIT) já apresentava um corpo de elementos que implicavam na ação docente, evidenciando seu caráter multidimensional por meio de orientações acerca das condições do trabalho docente, objetivos da educação, formação, carreira, desafios e suas implicações (UNESCO & OIT, 1966, 2008).

Esteve (1999) leva em consideração indicadores de primeira e segunda ordem para explicar o fenômeno e as respostas dadas no cotidiano docente, pois conforme são empregadas podem culminar em sintomas, mal-estar ou bem-estar. Nesse sentido, o autor considera que os indicadores de primeira ordem refletem diretamente sobre a ação docente de maneira negativa, sendo: os recursos e condições de trabalho precárias, violências físicas, sobrecarga e acúmulo de exigências. Aos de segunda ordem estão associados os fatores

ambientais que agem “indiretamente” na eficácia do professorado: as transformações dos contextos globais e dos paradigmas da educação que causam dúvidas e contradições acerca da imagem, do papel e função docente e resultam em falta de apoio do contexto social frente a organização e objetivos dos sistemas de ensino.

Buscando refletir sobre estas questões, o percurso metodológico adotado neste trabalho foi orientado pelos pressupostos de uma investigação com abordagem qualitativa, de caráter exploratório destinada a fornecer maior aproximação e compreensão com o problema a ser investigado (GIL, 2002) e pautada no estudo de caso, um tipo de pesquisa que busca investigar fenômenos contemporâneos em seus contextos com aprofundamento (YIN, 2015).

Para coleta dos dados utilizamos entrevistas semiestruturadas com seis docentes que participaram de forma voluntária e destacaram a importância de contribuir com os processos motivacionais no cenário educativo e as investigações pautadas na temática problematizada. As entrevistas contribuíram como fontes de levantamento de evidências acerca das concepções presentes em seus discursos sobre o fenômeno estudado e com a caracterização das pessoas participantes que foram identificadas por D1, D2, D3, D4, D5 e D6.

Para análise dos dados, optamos pelo uso da análise de conteúdo, categorial e temática, conforme Bardin (1977). Trata-se de “[...] um conjunto de técnicas de análise que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens” (p. 44). O método se caracteriza, especialmente, pelas etapas de pré-análise, construção do *corpus* de análise, exploração do material, tratamento dos resultados, interpretação e inferências. Com isso, emprega-se uma maneira de aprofundamento e reflexão contínua à vista das relações entre os elementos e seus possíveis significados. Neste caso, o *corpus* é constituído de seis entrevistas gravadas em junho de 2020 e transcritas integralmente.

No período de levantamentos dos dados, a instituição contava com 56 docentes em exercício e mais de 200 estudantes matriculados nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio. A fim de apresentar o perfil das pessoas participantes, identificamos que 5 se declaram como do gênero feminino e 1 do gênero masculino e suas idades variam entre 25 e 51 anos. Além disso, observamos que possuem magistério ou licenciatura e bacharelado correspondentes às áreas de atuação e todas apresentam pós-graduação, sendo *latu sensu* (especialização em psicopedagogia, por exemplo) ou *stricto* (mestrado, doutorado ou pós-doutorado). Verificamos ainda que suas experiências na referida escola envolvem diferentes períodos e contextos já que o tempo de docência entre elas na instituição varia entre 3-20 anos de atuação.

Após a leitura flutuante do *corpus*, consideramos o recorte necessário e proposto para este estudo, organizamos as respostas que se referiam ao tema do mal-estar docente e das condições do trabalho em unidades de registro que são trechos que permitem a percepção dos aspectos ideológicos e emocionais presentes no texto. Em seguida codificamos cada uma delas para um novo agrupamento em eixos temáticos que resultou na categorização e

descrição dos dados conforme a pertinência, sentido e significado atribuído em consonância aos referenciais.

Os resultados obtidos mostram que o fenômeno do mal-estar docente, a partir da percepção de professoras e professores da escola, se relaciona de forma complexa e interdependente às precárias condições do trabalho docente e pode ser compreendido e explorado levando em consideração a educação e organização do ensino no Brasil nas seguintes categorias: 1) Trabalho e mal-estar docente: os desafios da educação no Brasil, 2) Trabalho para além da solidão: mobilizar, resistir e transformar.

A primeira categoria refere-se aos desafios destacados nas entrevistas e são considerados como facilitadores do mal-estar docente e obstáculos para promoção do bem-estar. Segundo D4, as dificuldades tomaram proporções ainda maiores nos últimos anos e com a pandemia de coronavírus e o ensino remoto emergencial muitos questionamentos sugeriram sobre seu papel, formação e acerca da educação como um todo: *“O mundo acabando, é crise política, é crise na saúde, é crise no Brasil e a gente aqui só mandando trabalhos, sai fora do que eu acredito ser educação e ser professor em si”*.

Sabemos que a função docente tem em si a articulação entre contextos e, portanto, a repetição do termo “crise” nos remeteu ao discurso de Santos (2020) sobre não existir crises permanentes, mas de um projeto de sociedade que tem se pautado nos princípios neoliberais e conservadores. D6 comenta que na época de escolarização da sua mãe eram evidentes os desafios de acesso e permanências nas escolas que tornam a se mostrar, considerando que o que parece não ter mudado é a *“mentalidade das pessoas”*. Dessa forma, enuncia-se os dilemas frente às ideologias que transitam no cotidiano escolar, mudanças e permanências, e que fazem com que professoras e professores necessitem realizar diversos ajustes conforme os impasses sociais, materiais e temporais (TARDIF & LESSARD, 2009).

A organização do ensino e o modelo formativo pedagógico estiveram presentes nos relatos quando apresentaram a educação como fundamental para o desenvolvimento humano, emitindo críticas à educação bancária (FREIRE, 1997), mas relatando o desafio em empregar o uso de metodologias que incentivem a criatividade ou que requerem recursos como as tecnologias digitais visto a sua escassez nas escolas públicas. A partir disso, ressaltaram a falta de investimento na área educacional, tendo em vista as políticas e programas desenvolvidos, os baixos salários, infraestruturas precárias, contingenciamentos, falta de profissionais e dificuldades em acompanhar as mudanças globais e as desigualdades presentes entre os ensinos público e privado.

Ah, poderia ter dado certo, mas infelizmente não deu, porque nós não trabalhamos sozinhos. Nós trabalhamos com a família, com a sociedade. A educação deveria servir como base para todos de forma igual e é o que sabemos que não acontece [...]. Um aluno de uma escola particular, um aluno de um cursinho e um aluno de escola estadual. Aí algumas pessoas até dizem assim ó, “ah, mas, os professores...”. Eu acredito na educação pública, eu acredito, mas acredito que todos deveriam ter as mesmas

possibilidades (D4).

Diante da necessidade de responder às inúmeras questões e contribuir com processos formativos, a questão da meritocracia se atrelou ao empenho dos profissionais para o sucesso do trabalho e da aprendizagem dos estudantes. Todavia, identificamos a recorrência de elementos que se lançam à valorização, identidade e imagem profissional e o mal-estar docente haja vista as respostas obtidas.

Falam que é uma profissão linda e aí pergunta para uma criança se ela quer ser professora! Não! Por quê? Porque ela ouviu que o professor ganha mal, [...] o professor isso, a professora aquilo. Ao mesmo tempo é muito bonito todo mundo dizer: Vamos respeitar os professores! Uma coisa é a prática, outra coisa é a fala. Tem que usar junto a sua prática e a fala, todo mundo respeitando os professores (D2).

Os discursos disseminados de ordem conservadora adotados pelo atual governo brasileiro e as políticas apresentadas têm contribuído com a agenda neoliberal em educação, associando público e privado e fazendo ascender as desigualdades sociais e educativas na América Latina, além da precarização do trabalho docente (HYPOLITO, CAMPOS-MARTINZES, CUNHA, 2021).

Sabe-se que a valorização dos profissionais da educação por planos de carreira e estatutos, tal como o estabelecimento de princípios de qualidade, piso salarial e formação docente tem sido pauta dos movimentos sindicais. Porém, a questão salarial, ainda é um dos principais fatores de maior insatisfação profissional: *“O salário é muito pouco, é parcelado, então isso dificulta muito a nossa vida”* (D5). Em 2019, o Estado do Rio Grande do Sul apresentava o menor índice de piso salarial ao passo que convênios com instituições privadas e fechamentos de escolas se ascendiam.

Notamos a visão de intervenção do Estado quando os projetos se materializam de forma burocrática, gerando insatisfação pelo corpo docente em cumprir determinadas imposições diante da permanente percepção de omissão e ausência deste mesmo governo. Tais questões podem ser vistas no trecho a seguir:

A Secretaria de Educação só estava mandando e cobrando as datas. Só que a gente não tinha tempo para conseguir se organizar, para se sentar e conversar todos juntos, então não fica uma coisa adequada (D4).

Carbonell (2002) afirma que há uma ação do Estado mais como controlador e regulador por meio do discurso de descentralização, incentivando a educação em benefício do mercado e contribuindo com a desregulamentação do ensino e aumento das desigualdades à exemplo do relato do docente sobre as demandas vindas com o ensino remoto emergencial e as cobranças burocráticas para implementação do Novo Ensino Médio, frente a falta de tempo e espaços para a organização coletivas de diálogo sobre as diferentes questões que envolvem o trabalho docente. Na percepção de D3, *“As Coordenadorias Regionais não conseguem dar conta de todas as escolas. É um trabalho solitário”* ainda mais com a dificuldade de organização e um trabalho colaborativo entre a equipe, pois *“o Estado não quer pagar as*

*horas de reunião, quase não tem reunião pedagógica e há conflitos políticos partidários” (D1).*

Assim, surgiu a segunda categoria que versa sobre uma possibilidade de docência para além da solidão, retomando a responsabilidade compartilhada com uma educação para o pleno desenvolvimento humano (BRASIL, 1988). Evidenciou-se a necessidade de legitimação dos espaços e tempos que promovam a socialização de ideias, materiais, experiências, sentimentos e emoções para além da imposição de programas e políticas públicas e por isso nomeada como *Trabalho para além da solidão: mobilizar, resistir e transformar*. Tais manifestações nos suscitou a pensar sobre o que ditam determinadas ações e projetos e que acabam por implicar no impedimento de organização e mobilização coletiva. Foram questionados os modelos e a redução dos números de reuniões pedagógicas, que não correspondem às necessidades do professorado e acabam contribuindo com a busca individual de competências que consideram necessárias e com recursos próprios para lidar com os fenômenos: de evasão e permanência, *bullying*, drogas, fome e tantas outras violências vividas pela comunidade educativa e sua própria sobrevivência e integridade humana (social, física, emocional e cognitiva).

Identificamos alguns questionamentos e críticas sobre as contribuições do sindicato e sua representatividade, pois a realidade cotidiana é contraditória. Notamos que reconhecem a legitimidade das pautas levantadas nos movimentos, mas muitos de seus colegas questionam os efeitos das greves, por exemplo. Verificamos o destaque dado à busca coletiva pela valorização profissional, fim dos parcelamentos e necessidade de aumento dos salários, redução dos trabalhos extraclasse e da sobrecarga de trabalho,

A professora D4 comenta que *“são muitas batalhas dentro da educação que temos que travar. A gente enquanto profissional da educação a gente tem que lidar com muitos dragões, porque tudo vem, tudo recai sobre a escola”*. Para ela, os dragões representam as inúmeras dificuldades nas quais temos que lidar. O abandono da profissão, pedidos de transferências, desmotivação, cansaço, maus relacionamentos e insatisfação permanente são alguns dos sintomas e efeitos que indicam o crescimento do mal-estar docente frente às condições do trabalho.

Dito isto, consideramos que a recorrência e ascensão das reformas neoliberais e a proletarização no trabalho docente contribuem com os indicadores de mal-estar docente, especialmente, pelos sentidos e significados dado a educação no país, a feminização do trabalho docente e a desvalorização profissional expressa na perda de autonomia, baixos salários, infraestrutura precária, entre outros pontos, e estão mais presentes do que os investimentos sistêmicos para melhoria das condições do trabalho. Reconhecemos como ato de resistência e transformação o trabalho colaborativo, a mobilização e organização coletiva para enfrentar as estruturas historicamente construídas.

Dedicamo-nos à investigação dos fenômenos em sua complexidade e representações

nos diferentes níveis de ensino visando contribuir com o campo teórico, identificação de possíveis deslocamentos e incentivando o desenvolvimento de pesquisas na área da educação. Consideramos relevante mapear as realidades e as docências na contemporaneidade e fomentar a socialização dos resultados até então alcançados.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mal-estar docente. Trabalho Docente. Educação e Trabalho Docente. Educação e Políticas Neoliberais. Mobilização Coletiva de Docentes.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 3. ed. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Centro Gráfico, 1988.

CARBONELL, Jaume. **A aventura de inovar: a mudança na escola**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

CODO, Wanderley. **Educação: carinho e trabalho**. Petrópolis: Vozes, 1999.

DUARTE, Alexandre William Barbosa; HYPOLITO, Álvaro Moreira. Docência em tempos de Covid-19: uma análise das condições de trabalho em meio a pandemia. **Retratos da Escola**. v. 14, n. 30. 2020.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente**. 3. ed. Barcelona: Paidós, 1994.

\_\_\_\_\_. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. São Paulo: EDUSC, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREUDENBERGER, Herbert. J. Staff burn out. **Journal os Social Issues**, Malden, v. 30, n. 1, p. 159-165, 1974.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HYPOLITO, Álvaro Moreira; MARTINEZ, Javier Campos; CUNHA, Mateus Arguelho. Curriculum, Pandemia y Trabajo Docente. In: **Trabajo docente en tiempos de pandemia en América Latina: análisis comparado**. Brasília, DF: Criatus Design e Editora, 2021.

JESUS, Saul Neves de. **Bem-estar dos professores: estratégias para realização e desenvolvimento profissional**. Portugal: Porto Codex, 1998.

MORAES, Carmen Sylvia Vidigal. A relação trabalho e educação: desafios teóricos na construção de um pensamento crítico. **Reunião Anual da ANPED**, 2012a.

MOSQUERA, Juan José Mouriño; STOBÄUS, Claus Dieter. **O mal-estar na docência: causas e consequências**. Porto Alegre, FAGED: PUCRS, 2002.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA E ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. A Recomendação da OIT/UNESCO de 1966 relativa ao Estatuto dos Professores [...]. Disponível em: [https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000160495\\_por](https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000160495_por) Acesso em: maio de 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 5. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**. Planejamento e métodos. 5ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2015.